

O salto evolutivo: Machado de Assis entre o conservadorismo e o progresso

RODRIGO CELENTE MACHADO

Resumo

O presente ensaio pretende analisar de que forma o dualismo progresso/conservadorismo foi incorporador ao discurso político e a práticas sociais na História do Brasil, em especial, a partir do início do século XX, tendo como base a cidade do Rio de Janeiro. Para isso, faça-se uso do conto “Evolução”, de Machado de Assis, que expõe de forma crítica e irônica como o Brasil convive com tais práticas.

Palavras-chaves: literatura brasileira, conto, conservadorismo / progresso, Machado de Assis

Resumen

El presente ensayo intenta analizar cómo la dualidad progreso/conservadorismo fue incorporada en el discurso político y en las prácticas sociales de la historia de Brasil, principalmente desde el inicio del siglo XX, que tiene como apoyo la ciudad de Río de Janeiro. Por eso, ocupamos el cuento “Evolución”, de Machado de Assis, que expone crítica e irónicamente cómo Brasil convive con esas prácticas.

Palabras claves: literatura brasileña, cuento, conservadurismo / progreso, Machado de Assis

Introdução

De forma geral, os **conservadores** seriam aqueles que se opõem a mudanças mais profundas na estrutura social, em defesa da ordem e das posições de poder já consolidadas. Já os **progressistas** defenderiam reformas sociais no sentido da promoção do desenvolvimento capitalista e da ordem institucional moderna, racionalista, paralelamente ao emprego de melhorias tecnológicas que conduzissem a uma intensificação da atividade produtiva e promovessem bem-estar e conforto na vida cotidiana. Este processo deveria implicar, por outro lado, em uma transformação da ordem política, ainda que os graus de radicalidade do reformismo modernizador sejam muito variáveis.

Enquanto os modernizadores deixavam-se seduzir pelos avanços da razão, da ciência e da técnica, acreditando que elas seriam capazes de resolver todos os

problemas humanos, o pensamento conservador estabeleceu-se a partir do elogio do universo das tradições comunitárias, religiosas e cooperativas, que seriam capazes de promover o enraizamento do indivíduo numa coletividade estável e segura, dádiva mais preciosa que qualquer ganho material.

Criou-se, assim, uma lógica contrastiva em que tradição e modernidade se excluía mutuamente, o que, em termos políticos, passou a definir como progressistas os entusiastas da modernização e como conservadores aqueles que se mostravam avessos a grandes transformações, a partir de uma condição inicial definida como “tradição”. (Bendix, 1996)

O fato é que, a partir da Europa, a polêmica entre conservadores e progressistas expandiu-se, mais ou menos tardiamente, pelas ditas “sociedades seguidoras”, nutrindo posições intelectuais que adquiriram, em diferentes contextos, novos significados e nuances.

O Brasil, sob a influência da Inglaterra em sua ordem econômica e da França em sua ordem intelectual, é uma destas “sociedades seguidoras”. A partir da década de 1870, as bases do pensamento no país foram substancialmente transformadas, à medida que o moderno conhecimento científico europeu ingressava no país, implantando entre a classe letrada uma concepção dinâmica da sociedade, na forma de diversas correntes positivistas e naturalistas que ofereciam novos instrumentos para a compreensão da realidade e sua transformação. (Barros, 1986)

Os intelectuais formados sob a influência desta onda renovadora acreditavam-se agentes da mudança social, e viam no conhecimento científico, ou melhor, cientificista, um meio de ascensão social e conquista de posições de poder, sobretudo após a proclamação da República. Para os letrados formados sob a influência das correntes naturalistas do pós-1870, o advento do novo regime significaria, portanto, uma oportunidade para a promoção de profundas mudanças políticas e institucionais, no sentido da modernização do país e de sua sincronização com o grande movimento ascendente do capitalismo industrial. Juntamente com a abolição da escravatura, a mudança de regime deveria promover a definitiva superação da ordem colonial, e é na expectativa de uma radical ruptura com o passado que os novos tempos serão freqüentemente vistos – e julgados.

A idéia de que a intelectualidade da belle époque dividia-se em dois grupos claramente delimitados fortaleceu-se com a obra do historiador Nicolau Sevcenko. Segundo o autor, a geração formada sob o signo da propaganda republicana e abolicionista nutriu a concepção de que a camada letrada deveria desempenhar, na vida social, uma missão transformadora, colocando seu preparo intelectual a serviço da sincronização do país com as conquistas da civilização européia, do aprimoramento das instituições e da vida política, de modo a redimir o país de seu obscuro passado colonial. Até a proclamação da República,

estes ideais teriam tornado a intelectualidade modernizadora do país caracteristicamente “monolítica”, condensada em torno de um credo liberal e progressista (Sevcenko, 2003).

Entretanto, na visão de Sevcenko com o advento do regime republicano o empenho reformista característico da militância mostrou nítidos sinais de arrefecimento, o que teria feito com que esta intelectualidade se dividisse em dois grandes grupos. O primeiro seria formado pelos “vencedores”, aqueles que se deixaram seduzir pelo generalizado arrivismo da belle époque, convertendo-se às regras do poder e participando da distribuição de suas benesses. O segundo grupo identificado pelo autor na vida intelectual da belle époque seria o dos “derrotados”, aqueles que, excluídos das posições de influência e prestígio oferecidas pelo **statu quo**, mantinham-se à margem da “cultura oficial” do regime. Neste grupo encontraríamos os representantes da boemia que, recolhidos à solidão e ao alheamento, renunciavam a assumir um papel ativo na sociedade.

Como assinala Bendix (1996), não há sociedade totalmente moderna e desprovida de caracteres tradicionais. estudada, modernizadores revolucionários, perfeitamente liberais e democratas, nem conservadores empedernidos dispostos a renunciar a todas as conquistas proporcionadas pela civilização ocidental. Acreditamos que seja necessário, para compreender o Brasil da belle époque, avaliar o que de moderno pode haver nos ditos “conservadores”, e vice-versa, uma vez que a assimilação do conhecimento e do padrão civilizacional da modernidade não poderia se dar senão em consonância com o meio político, cultural e social.

Queremos dizer com isto que, antes de vislumbrar uma modernidade ideal, uma espécie de “gabarito” para julgar os erros e acertos da sociedade brasileira, talvez fosse o caso de compreender as muitas combinações possíveis entre o estímulo identitário, fundamentado no passado e numa trajetória para o interior da alma nacional, e o desejo de sincronização com a triunfante burguesia dos países mais ricos, ou seja, o impulso em direção ao futuro e à inserção na ordem mundial. Ora, essa foi, pois, a atitude de Machado de Assis frente ao dualismo: **reflexão irônica**.

Evolução

O conto, publicado no livro *Relíquias de Casa Velha*, do ponto de vista da história é um dos mais simples da produção machadiana. Senão vejamos. A história contada em 1ª pessoa narra o encontro de dois homens num trem, que ia do Rio de Janeiro para Vassouras. Para se distraírem, puxam conversa. Benedito, o mais velho, é um fazendeiro de café, colecionador de arte. Inácio, o mais jovem, que narra a história, é engenheiro e empresário. Os dois passageiros acabam se tornando amigos e voltando a se encontrar com certa periodicidade. O conteúdo, cômico, da história está em uma apropriação progressiva que Benedito faz de uma idéia apresentada por Inácio na viagem de trem. Comentando sobre os rumos do **progresso** tecnológico e o enorme impacto

das ferrovias, o engenheiro fez casualmente a seguinte observação: “Eu comparo o Brasil a uma criança que está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro”.

Quando se encontram novamente, uma quinzena depois, a convite do fazendeiro em seu palácio carioca, ele relembra e torna a elogiar a **idéia de Inácio**. Um ano mais tarde, como candidato derrotado a deputado, se refere à necessidade de levar adiante a **nossa idéia**. Mais um ano passado e já agora como deputado eleito, mostra ao engenheiro seu discurso de posse, no qual se destaca a imagem do Brasil criança e das ferrovias, apresentada dessa vez como **sua própria idéia**. Diz Benedito: “aqui repetirei o que, há alguns anos, dizia eu a um amigo, em viagem pelo interior: o Brasil é uma criança que engatinha; só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro”.

Machado conclui o conto com uma tirada lacônica, porém caústica, dita na voz de Inácio: “Achei ali mais um efeito da lei da evolução, tal como a definiu Spencer - Spencer ou Benedito, um deles”.

Ora, essa é o que se apresenta na superfície. Machado exerce com destreza a teoria do iceberg, o mais importante está submerso, nas entrelinhas, como diz o próprio narrador do conto: **tudo nesse conto há de ser misterioso e truncado**. E é.

Uma vez que, cabe lembrar, no final do século XIX, o Brasil passava por transformações aceleradas (lembro que o conto fora publicado em 1884, antes da Abolição e da Proclamação da República) nos planos da política, economia e cultura. Depois da abolição do regime escravista e da chegada da República, o país enfrentava uma profunda crise de valores decorrentes dos processos de industrialização, urbanização e estabelecimento do novo sistema de trabalho livre e assalariado.

Com base nos conceitos de conservadorismo e progressismo antes apresentados, pretendemos, ao analisar o conto identificar de que forma o intelectual Machado de Assis se coloca diante deste duelo: conservadores x progressistas. Além disso, perceber a mudança radical, o **salto evolutivo** da política brasileira, que se modernizava na sua práxis.

Ora, revendo a história, podemos dizer que Benedito (fazendeiro rico e com aspirações políticas) representaria a plutocracia do Segundo Reinado, enriquecida com a economia cafeeira, um conservador. Inácio, o jovem engenheiro encarnaria a nova geração que entra na vida social como a elite tecnocrática emergente, formada nas escolas superiores nacionais e estrangeiras, a qual se tornaria a via de introdução e implementação no país das inovações decorrentes da Revolução científico-tecnológica.

Benedito se dá conta de como a alternativa proposta por Inácio permitiria reordenar o quadro social e econômico em favor da continuidade de seus privilégios. Ele ressuda os ressentimentos do estamento dominante, que, desgastado com o Império, resolve apoiar a onda republicana ascendente.

O caso de Inácio não é menos interessante. A começar pela metáfora fértil da criança em desenvolvimento que ele lança e se tornaria um emblema tão central e tão caro aos grupos emergentes, empenhados em fazer ruir e enterrar

as estruturas fossilizadas do Império e ao mesmo tempo, sugerir um novo país, um novo começo.

Ademais, como empresário, seu projeto de investimentos é justamente no ramo ferroviário, com fundamental apoio de capitais europeus, particularmente ingleses. Essa é precisamente a peculiaridade que Benedito mais preza e admira em Inácio, seu vínculo estreito com o capitalismo internacional. O que ele percebe é que não seria a elite tecnocrática emergente por si só que seria capaz de re-conformar a caótica cena social e econômica brasileira, garantindo a manutenção do **status quo**, dada em particular a sua frágil estruturação política, sem qualquer apoio social ou poder econômico consistentes, afora sua linguagem radical em termos de reformas, democracia, justiça social. O poder de fato vinha de fora, do capital, das técnicas e das ideologias dominantes no contexto internacional. Gente como Inácio era só a esteira indispensável sobre a qual os rolimãs da plutocracia poderiam rolar suave e inapelavelmente, repotencializando os estratos conservadores, que estavam, então, fragilizados. Acionar e patrocinar os Inácio, ensejando uma nova ordem, e, graças a ela, o progresso da criança - Brasil, era a fórmula salvadora da evolução.

Manipulação: o salto evolutivo

A história, como é narrada da perspectiva de Inácio que, dada a sua qualificação técnica e cultural, tem uma percepção mais apurada das transformações em curso, das quais se sabe um agente interessado, engajado e decisivo. Comparado com ele, Benedito, é um conservador, acomodado e inepto, um exemplar da plutocracia que entravava o desenvolvimento do país. Mas, por efeito de sua condição social, ele é também vaidoso, arrogante e pretensioso, características que juntas, parecem a Inácio recomendá-lo para uma posição de destaque político. Inácio, com segundas intenções, imaginava manipular Benedito para os seus interesses desenvolvimentistas. Porém, convém estar atento para as armadilhas do texto machadiano. Dessa forma, é possível perceber que na verdade, apesar da superioridade intelectual de Inácio, ele é totalmente submisso à Benedito, submissão que se arrasta ao longo da história e se acentua no final. O fazendeiro pode ser um fanfarrão oco de idéias, é ele quem detém o poder econômico, político e social. Inácio pode ter a intenção de manipular Benedito para seus fins progressistas, mas ao fim e ao cabo, seriam ele, suas idéias, suas competências e suas ambições que haveriam de ser apropriados e agenciados pelo fazendeiro.

Essa é a regra da evolução na sociedade brasileira ou a lei da sobrevivência do mais forte, como diria Spencer¹ – Spencer ou Benedito, um deles.

Nesses termos, a conclusão é que Machado suspeitava por igual tanto do patronato latifundiário quanto das novas elites técnicas e científicas, entrevendo em especial os malefícios futuros advindos da absorção da segunda para o revigoramento do primeiro. O que ficava claro para ele, entretanto, é que se tratava de um salto evolutivo, a introdução no discurso político da nova ideologia positivista do progresso.

Bibliografia

- Assis, Machado de. *Obras completas*. São Paulo: W.M.Jackson, 1970. v. 5.
- Brayner, Sônia (org.). *O conto de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- Bendix, Reinhard. *Construção nacional e cidadania*. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Edusp, 1996.
- Broca, Brito. *A Vida Literária no Brasil 1900*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- Carvalho, Maria Alice Rezende de. *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ/UCAM, 1998.
- Needell, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Sodré, Nelson Werneck. *Literatura e História no Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- Zilberman, Regina. Os cronistas e o Conselheiro: uma história de divergências. In: *Euclides da Cunha: literatura e história*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

Nota

1. Herbert Spencer foi um filósofo inglês e um dos representantes do positivismo. Spencer foi um profundo admirador da obra de Charles Darwin. É dele a expressão “sobrevivência do mais apto”, e em sua obra procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana. Spencer é considerado o “pai” do Darwinismo social, embora jamais tenha utilizado o termo. Com base em suas idéias, alguns autores procuraram justificar a divisão da sociedade em classes e o Imperialismo europeu, sugerindo que estes seriam exemplos de seleção natural.

ANEXO

Evolução

Chamo-me Inácio; ele, Benedito. Não digo o resto dos nossos nomes por um sentimento de compostura, que toda a gente discreta apreciará. Inácio basta. Contentem-se com Benedito. Não é muito, mas é alguma coisa, e está com a filosofia de Julieta: “Que valem nomes? perguntava ela ao namorado. A rosa, como quer que se lhe chame, terá sempre o mesmo cheiro.” Vamos ao cheiro do Benedito.

E desde logo assentemos que ele era o menos Romeu deste mundo. Tinha quarenta e cinco anos, quando o conheci; não declaro em que tempo, porque

tudo neste conto há de ser misterioso e truncado. Quarenta e cinco anos, e muitos cabelos pretos; para os que o não eram usava um processo químico, tão eficaz que não se lhe distinguiam os pretos dos outros — salvo ao levantar da cama; mas ao levantar da cama não aparecia a ninguém. Tudo mais era natural, pernas, braços, cabeça, olhos, roupa, sapatos, corrente do relógio e bengala. O próprio alfinete de diamante, que trazia na gravata, um dos mais lindos que tenho visto, era natural e legítimo, custou-lhe bom dinheiro; eu mesmo o vi comprar na casa do... lá me ia escapando o nome do joalheiro; — fiquemos na Rua do Ouvidor.

Moralmente, era ele mesmo. Ninguém muda de caráter, e o do Benedito era bom, — ou para melhor dizer, pacato. Mas, intelectualmente, é que ele era menos original. Podemos compará-lo a uma hospedaria bem afreguesada, aonde iam ter idéias de toda parte e de toda sorte, que se sentavam à mesa com a família da casa. Às vezes, acontecia acharem-se ali duas pessoas inimigas, ou simplesmente antipáticas; ninguém brigava, o dono da casa impunha aos hóspedes a indulgência recíproca. Era assim que ele conseguia ajustar uma espécie de ateísmo vago com duas irmandades que fundou, não sei se na Gávea, na Tijuca ou no Engenho Velho. Usava assim, promiscuamente, a devoção, a irreligião e as meias de seda. Nunca lhe vi as meias, note-se; mas ele não tinha segredos para os amigos.

Conhecemo-nos em viagem para Vassouras. Tínhamos deixado o trem e entrado na diligência que nos ia levar da estação à cidade. Trocamos algumas palavras, e não tardou conversarmos francamente, ao sabor das circunstâncias que nos impunham a convivência, antes mesmo de saber quem éramos.

Naturalmente, o primeiro objeto foi o progresso que nos traziam as estradas de ferro. Benedito lembrava-se do tempo em que toda a jornada era feita às costas de burro. Contamos então algumas anedotas, falamos de alguns nomes, e ficamos de acordo em que as estradas de ferro eram uma condição de progresso do país. Quem nunca viajou não sabe o valor que tem uma dessas banalidades graves e sólidas para dissipar os tédios do caminho. O espírito areja-se, os próprios músculos recebem uma comunicação agradável, o sangue não salta, fica-se em paz com Deus e os homens.

— Não serão os nossos filhos que verão todo este país cortado de estradas, disse ele.

— Não, decerto. O senhor tem filhos?

— Nenhum.

— Nem eu. Não será ainda em cinqüenta anos; e, entretanto, é a nossa primeira necessidade. Eu comparo o Brasil a uma criança que está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro.

— Bonita idéia! exclamou Benedito faiscando-lhe os olhos.

— Importa-me pouco que seja bonita, contanto que seja justa.

— Bonita e justa, redargüiu ele com amabilidade. Sim, senhor, tem razão: — o Brasil está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro.

Chegamos a Vassouras; eu fui para a casa do juiz municipal, camarada antigo; ele demorou-se um dia e seguiu para o interior. Oito dias depois voltei ao Rio

de Janeiro, mas sozinho. Uma semana mais tarde, voltou ele; encontramos-nos no teatro, conversamos muito e trocamos notícias; Benedito acabou convidando-me a ir almoçar com ele no dia seguinte. Fui; deu-me um almoço de príncipe, bons charutos e palestra animada. Notei que a conversa dele fazia mais efeito no meio da viagem — arejando o espírito e deixando a gente em paz com Deus e os homens; mas devo dizer que o almoço pode ter prejudicado o resto. Realmente era magnífico; e seria impertinência histórica pôr a mesa de Luculo na casa de Platão. Entre o café e o *cognac*, disse-me ele, apoiando o cotovelo na borda da mesa, e olhando para o charuto que ardia:

— Na minha viagem agora, achei ocasião de ver como o senhor tem razão com aquela idéia do Brasil engatinhando.

— Ah!

— Sim, senhor; é justamente o que o *senhor dizia* na diligência de Vassouras. Só começaremos a andar quando tivermos muitas estradas de ferro. Não imagina como isso é verdade.

E referiu muita coisa, observações relativas aos costumes do interior, dificuldades da vida, atraso, concordando, porém, nos bons sentimentos da população e nas aspirações de progresso. Infelizmente, o governo não correspondia às necessidades da pátria; parecia até interessado em mantê-la atrás das outras nações americanas. Mas era indispensável que nos persuadísemos de que os princípios são tudo e os homens nada. Não se fazem os povos para os governos, mas os governos para os povos; e *abyssus abyssum invocat*. Depois foi mostrar-me outras salas. Eram todas alfaiadas com apuro. Mostrou-me as coleções de quadros, de moedas, de livros antigos, de selos, de armas; tinha espadas e floretes, mas confessou que não sabia esgrimir. Entre os quadros vi um lindo retrato de mulher; perguntei-lhe quem era. Benedito sorriu.

— Não irei adiante, disse eu sorrindo também.

— Não, não há que negar, acudiu ele; foi uma moça de quem gostei muito. Bonita, não? Não imagina a beleza que era. Os lábios eram mesmo de carmim e as faces de rosa; tinha os olhos negros, cor da noite. E que dentes! verdadeiras pérolas. Um mimo da natureza.

Em seguida, passamos ao gabinete. Era vasto, elegante, um pouco trivial, mas não lhe faltava nada. Tinha duas estantes, cheias de livros muito bem encadernados, um mapa-múndi, dois mapas do Brasil. A secretária era de ébano, obra fina; sobre ela, casualmente aberto, um almanaque de *Laemmert*. O tinteiro era de cristal, — “cristal de rocha”, disse-me ele, explicando o tinteiro, como explicava as outras coisas.

Na sala contígua havia um órgão. Tocava órgão, e gostava muito de música, falou dela com entusiasmo, citando as óperas, os trechos melhores, e noticiou-me que, em pequeno, começara a aprender flauta; abandonou-a logo, — o que foi pena, concluiu, porque é, na verdade, um instrumento muito saudoso. Mostrou-me ainda outras salas, fomos ao jardim, que era esplêndido, tanto ajudava a arte à natureza, e tanto a natureza coroava a arte. Em rosas, por exemplo, (não há negar, disse-me ele, que é a rainha das flores) em rosas, tinha-as de toda casta e de todas as regiões.

Saí encantado. Encontramo-nos algumas vezes, na rua, no teatro, em casa de amigos comuns, tive ocasião de apreciá-lo. Quatro meses depois fui à Europa, negócio que me obrigava a ausência de um ano; ele ficou cuidando da eleição; queria ser deputado. Fui eu mesmo que o induzi a isso, sem a menor intenção política, mas com o único fim de lhe ser agradável; mal comparando, era como se lhe elogiasse o corte do colete. Ele pegou da idéia, e apresentou-se. Um dia, atravessando uma rua de Paris, dei subitamente com o Benedito.

—Que é isto? exclamei.

—Perdi a eleição, disse ele, e vim passear à Europa.

Não me deixou mais; viajamos juntos o resto do tempo. Confessou-me que a perda da eleição não lhe tirara a idéia de entrar no parlamento. Ao contrário, incitara-o mais. Falou-me de um grande plano.

—Quero vê-lo ministro, disse-lhe.

Benedito não contava com esta palavra, o rosto iluminou-se-lhe; mas disfarçou depressa.

—Não digo isso, respondeu. Quando, porém, seja ministro, creia que serei tão-somente ministro industrial. Estamos fartos de partidos; precisamos desenvolver as forças vivas do país, os seus grandes recursos. Lembra-se do que *nós dizíamos* na diligência de Vassouras? O Brasil está engatinhando; só andarás com estradas de ferro...

—Tem razão, concordei um pouco espantado. E por que é que eu mesmo vim à Europa? Vim cuidar de uma estrada de ferro. Deixo as coisas arranjadas em Londres.

—Sim?

Perfeitamente.

Mostrei-lhe os papéis, ele viu-os deslumbrado. Como eu tivesse então recolhido alguns apontamentos, dados estatísticos, folhetos, relatórios, cópias de contratos, tudo referente a matérias industriais, e lhos mostrasse, Benedito declarou-me que ia também coligir algumas coisas daquelas. E, na verdade, vi-o andar por ministérios, bancos, associações, pedindo muitas notas e opúsculos, que amontoava nas malas; mas o ardor com que o fez, se foi intenso, foi curto; era de empréstimo. Benedito recolheu com muito mais gosto os anexins políticos e fórmulas parlamentares. Tinha na cabeça um vasto arsenal deles. Nas conversas comigo repetia-os muita vez, à laia de experiência; achava neles grande prestígio e valor inestimável. Muitos eram de tradição inglesa, e ele os preferia aos outros, como trazendo em si um pouco da Câmara dos Comuns. Saboreava-os tanto que eu não sei se ele aceitaria jamais a liberdade real sem aquele aparelho verbal; creio que não. Creio até que, se tivesse de optar, optaria por essas formas curtas, tão cômodas, algumas lindas, outras sonoras, todas axiomáticas, que não forcem a reflexão, preenchem os vazios, e deixam a gente em paz com Deus e os homens.

Regressamos juntos; mas eu fiquei em Pernambuco, e tornei mais tarde a Londres, donde vim ao Rio de Janeiro, um ano depois. Já então Benedito era deputado. Fui visitá-lo; achei-o preparando o discurso de estréia. Mostrou-me alguns apontamentos, trechos de relatórios, livros de economia política, alguns com páginas marcadas, por meio de tiras de papel rubricadas assim: — *Câmbio*,

Taxa das terras, Questão dos cereais em Inglaterra, Opinião de Stuart Mill, Erro de Thiers sobre caminhos de ferro, etc. Era sincero, minucioso e cálido. Falava-me daquelas coisas, como se acabasse de as descobrir, expondo-me tudo, *ab ovo*; tinha a peito mostrar aos homens práticos da Câmara que também ele era prático. Em seguida, perguntou-me pela empresa; disse-lhe o que havia.

—Dentro de dois anos conto inaugurar o primeiro trecho da estrada.

—E os capitalistas ingleses?

—Que tem?

—Estão contentes, esperançados?

—Muito; não imagina.

Contei-lhe algumas particularidades técnicas, que ele ouviu distraidamente, — ou porque a minha narração fosse em extremo complicada, ou por outro motivo. Quando acabei, disse-me que estimava ver-me entregue ao movimento industrial; era dele que precisávamos, e a este propósito fez-me o favor de ler o exórdio do discurso que devia proferir dali a dias.

—Está ainda em borrão, explicou-me; mas as idéias capitais ficam. E começou: No meio da agitação crescente dos espíritos, do alarido partidário que encobre as vozes dos legítimos interesses, permiti que alguém faça ouvir uma súplica da nação. Senhores, é tempo de cuidar exclusivamente, — notai que digo exclusivamente, — dos melhoramentos materiais do país. Não desconheço o que se me pode replicar; dir-me-eis que uma nação não se compõe só de estômago para digerir, mas de cabeça para pensar e de coração para sentir. Respondo-vos que tudo isso não valerá nada ou pouco, se ela não tiver pernas para caminhar; e aqui repetirei o que, há alguns anos, *dizia eu* a um amigo, em viagem pelo interior: o Brasil é uma criança que engatinha; só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro...

Não pude ouvir mais nada e fiquei pensativo. Mais que pensativo, fiquei assombrado, desvairado diante do abismo que a psicologia rasgava aos meus pés. Este homem é sincero, pensei comigo, está persuadido do que escreveu. E fui por aí abaixo até ver se achava a explicação dos trâmites por que passou aquela recordação da diligência de Vassouras. Achei (perdoem-me se há nisto ênfase), achei ali mais um efeito da lei da evolução, tal como a definiu Spencer, — Spencer ou Benedito, um deles.